

Versão pré-impressão**Versão final em:** *Revista Portuguesa de Filosofia*, 2019, Vol. 75 (3): 1979-1996.DOI: https://doi.org/10.17990/RPF/2019_75_3_1979.**Recensão [Book Review]**

Sofia Miguens, *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos*. Lisboa: Edições 70, 2019. 433 pp., Isbn: 978-972-442-1612.

Diana Couto
Universitat de Barcelona
dpcouto@ub.edu

Sílvia Bento
Universidade do Porto
silviaandradebento@gmail.com

O mais recente livro de Sofia Miguens, *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos*, parece evocar, de um modo tão subtilmente inesperado quanto digno de admiração, uma das mais fulgurantes temáticas do pensamento alemão: a temática da *reconciliação* [*Versöhnung*]. Não se trata, bem entendido, de uma evocação literal – nem, certamente, deliberada: o livro de Sofia Miguens não se dedica, pois, ao pensamento do idealismo alemão e às suas aspirações filosóficas de *reconciliação* entre entidades ou domínios contrapostos (tais como: natureza e espírito, sensível e supra-sensível, finito e infinito, entre outros). No entanto, a autora da mais recente história da filosofia contemporânea escrita e publicada em português propõe-se desenvolver um projecto filosófico que poderia ser lido, ainda que de um modo alusivo ou sugestivo, à luz da importante temática que orienta ou orientara o pensamento alemão, a *Versöhnung*. A fim de compreender de que forma, importaria salientar, desde logo, o facto de *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos* se apresentar como uma obra elaborada segundo uma visão própria, filosoficamente sustentada e teoricamente estimulante: a proposta de uma concepção acerca de uma origem filosófica comum que une as duas tradições que determinam a história do pensamento contemporâneo, as tradições ditas “analítica” e “continental”. Este livro representa, pois, uma tentativa audaz de *pensar filosoficamente* a filosofia contemporânea, propondo uma leitura e interpretação das suas figuras e dos seus movimentos que ultrapassa profundamente, em termos de pertinência intelectual e de desenvoltura filosófica, o modo ou método de exposição teórica informativo, subordinado a uma lógica sequencial e exaustiva de apresentação de conteúdos, que caracterizara as histórias da filosofia mais tradicionais. A este respeito, é de salientar um particular gesto da autora que, desde logo, marca a originalidade desta história da filosofia face a out-

ras histórias da filosofia escritas em português: Sofia Miguens não intitula o seu livro *Uma História da Filosofia Contemporânea*, nem muito menos *Uma Leitura da História da Filosofia Contemporânea*, mas antes *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea*. A escolha da autora quanto ao título deste livro espelha a singularidade e novidade da leitura com que nos presenteia, uma leitura que é fruto de um conhecimento profundo das várias tradições filosóficas e dos seus problemas, da sua surpreendente capacidade de mover-se entre figuras e tradições filosóficas aparentemente incomensuráveis, e ainda do seu poder crítico e da ousadia de, em muitas circunstâncias, seguir contra a corrente e rejeitar interpretações e leituras da filosofia tomadas como garantidas segundo a ortodoxia mais comum.

Entende-se, assim, que esta obra não pretende apresentar-se como um objecto convencionalmente canónico – e não é, seguramente, um objecto escolar, concebido segundo um propósito de completude ou de exaustividade, supostamente tomados como critérios ou requisitos indispensáveis à elaboração de tamanho projecto. De um modo distinto, esta história da filosofia contemporânea concerta, em si mesma, as possibilidades de delineamento de uma *filosofia da história da filosofia* que obedece a uma avaliação tão filosoficamente rigorosa e assertiva quanto teoricamente desafiante e surpreendente acerca daquilo que entendemos por *filosofia contemporânea*: trata-se, em verdade, de um exercício filosófico que se orienta e configura segundo a perspectivação e a sustentação de uma origem comum – através da apresentação de parentescos, afinidades e continuidades – entre a filosofia analítica e a filosofia continental, especialmente no que concerne, de um modo preciso, aos pensamentos dos fundadores da filosofia analítica, Gottlob Frege, e da fenomenologia, Edmund Husserl.

Uma das singularidades mais marcantes deste livro consiste nos seus recuos – recuos no tempo, recuos na história da filosofia. Com efeito, esta história da filosofia contemporânea inicia-se em finais do século XVIII, com Kant, e estende-se ao longo dos pensamentos de Hegel, Marx, Kierkegaard, Schopenhauer, Nietzsche, Frege, Husserl, Russell, Wittgenstein, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Foucault, Derrida, Deleuze, Ricoeur, Levinas, Adorno, Benjamin, Habermas, Austin, Quine, Davidson, Rorty, Badiou, Rancière, Žižek, Agamben, Butler, Diamond, McDowell e Cavell. Por que razão recuar até Kant? Sofia Miguens clarifica que, a seu ver, uma “das vantagens de recuar no tempo é a possibilidade de compreender, por esse meio, uma divisão que pode parecer definitiva e que caracteriza a filosofia contemporânea”. Trata-se de um “abismo que separa as chamadas tradição analítica e tradição continental”.¹ Mais ainda, a longa e porventura fatigante enumeração de nomes de filósofos acima não deverá ser interpretada de modo equívoco; pois, e ainda que, à primeira vista, esta história da filosofia se possa apresentar como que perfilada em torno de algumas figuras centrais da história do pensamento filosófico contemporâneo, a autora explica o seu modo de introdução dos distintos filósofos e de tratamento dos seus pensamentos: a escolha por deter-

¹ Sofia Miguens, *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos* (Lisboa: Edições 70, 2019), 16.

minadas figuras centrais em vez de outras não deixa de fora o que Sofia Miguens entende por “movimentos”; não há um único autor cujo pensamento seja perspectivado de modo isolado. Os pensamentos dos diferentes filósofos apresentam-se concebidos segundo a apreciação cuidada de linhas teóricas afins, consonantes, que se convocam entre si, através do cruzamento de tradições filosóficas, traduzindo, neste sentido, a riqueza intelectual que este livro concentra e o desafio filosófico que caracteriza a sua leitura.

Perspectivar as afinidades entre Frege e Husserl é uma das pedras de toque desta história da filosofia contemporânea. Correlativamente, avaliar as proximidades entre os dois fundadores da filosofia analítica e da fenomenologia em contraste com as discontinuidades entre os pensamentos dos seus mais relevantes discípulos – Wittgenstein e Heidegger, correspondentemente – representa uma das mais perspicazes posições avançadas por Sofia Miguens. O denominado cruzamento de tradições, tendo em vista a apreciação de afinidades entre autores cuja concepção de filosofia é “radicalmente divergente, ou até mesmo incomunicante”,² é um dos métodos eleitos na composição desta história da filosofia. Porém, no seguimento do que se acaba de dizer, importaria assinalar que esta obra não se atém a um carácter meramente expositivo daquelas que são, para Sofia Miguens, as proximidades ou discontinuidades entre filósofos de diferentes tradições. Muito mais do que se poderia esperar de uma história da filosofia, esta obra adquire um pendor rasgadamente argumentativo, satisfazendo assim quer aqueles para quem a filosofia deve adquirir uma abordagem mais historicista, quer aqueles para quem a filosofia deve fundar-se numa postura crítica e comprometida. Esta convergência de aspectos, bem conseguida por Sofia Miguens, entre *filosofia e história da filosofia* culmina com a sua defesa de que a filosofia analítica se origina e desenvolve a partir de uma raiz germânica, recusando a concepção mais corrente que crê que o pensamento filosófico analítico possui os seus fundamentos numa suposta tradição exclusivamente anglo-saxónica, inscrita no mundo académico de língua inglesa.³

No que concerne à estruturação interna de *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos*, importa destacar o facto de a autora conceder a “Parte I”, intitulada “O Século XIX”, ao pensamento alemão de Kant a Nietzsche. O propósito inicialmente avançado – perspectivar possibilidades de uma raiz comum, germânica, da filosofia contemporânea – justifica o gesto de recuo no tempo até à filosofia kantiana. Todavia, a convocação do pensamento de Kant não traduz uma apreciação meramente cronológica acerca da origem da formulação das questões ou dos conceitos mais influentes no posterior pensamento alemão do século XIX: há que salientar o modo atento e dedicado com que a autora se debruça sobre o pensamento de Kant, tomando-o como um eixo orientador no que respeita à possibilidade de problematização do método filosófico – uma questão à qual a autora da presente história da filosofia contemporânea atribui especial im-

² *Ibid.*, 21.

³ *Ibid.*, 19-21.

portância – mediante a apresentação do método transcendental e, consequentemente, no que concerne a possibilidade de elaboração de uma teorização acerca do juízo, compreendido, pois, como o núcleo ou o foco da abordagem kantiana acerca da natureza do pensamento. É, com efeito, a teorização kantiana acerca do juízo (analisada por Sofia Miguens no âmbito da *Crítica da Razão Pura* e da *Crítica da Faculdade do Juízo*) que detém a atenção da autora desta história da filosofia contemporânea. Pode afirmar-se que, de acordo com Sofia Miguens, a marca de “contemporaneidade” do pensamento de Kant poderá ser lida à luz da recusa da metafísica tradicional (de pendur predominantemente ontológico, caracterizado por uma investigação metafísica *transcendente* acerca da natureza da realidade) e da correlativa proposta de um novo método filosófico – o método transcendental –, descrito como uma investigação acerca da “articulação dos princípios formais constitutivos do pensamento”.⁴ O método transcendental kantiano, que conduz à elaboração de uma teorização acerca dos juízos, avaliados nas suas formas lógicas e sustentados como o elemento fulcral do acto de pensar acerca do mundo, concentra a visão de Sofia Miguens acerca da legitimidade de Kant enquanto *corpus* filosófico determinante na configuração do *antipsicologismo* – uma das palavras-chave deste livro – de Frege e de Husserl, da filosofia analítica e da fenomenologia nascentes. O pensamento de Kant, assim lido e interpretado, apresenta-se como uma das pedras de toque que orientam a leitura de Sofia Miguens sobre os inícios da filosofia contemporânea. Por estes principais motivos, a autora dedica ao pensamento kantiano todo o capítulo inicial da “Parte I”, sob o título “Um Antecessor Incontornável (aos olhos de alguns): Kant”.

Os dois capítulos que se seguem, igualmente incluídos na “Parte I”, tratam do pensamento de Hegel (exposto no capítulo “Hegel: A Dominação da Razão”) e dos distintos modos filosóficos da sua contestação, desenvolvidos por Marx, Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche (analisados no capítulo “Como Contestar Hegel?”). A apresentação do pensamento de Hegel num capítulo que lhe é inteiramente dedicado não deverá ser lida em analogia com o modo como Sofia Miguens concede especial importância ao pensamento de Kant, a quem também dedica todo um capítulo: o enaltecimento do pensamento kantiano enquanto *corpus* filosófico determinante e actualmente válido segundo os modos contemporâneos de fazer filosofia é uma convicção continuamente expressa pela autora (importaria assinalar, com efeito, o facto de Kant se afigurar como um dos filósofos mais mencionados nesta obra de Sofia Miguens). Distintamente, o lugar de Hegel no pensamento contemporâneo é apresentado pela autora como um lugar equívoco, tendente a constituir-se como um elemento de recusa e de contestação. Em verdade, a perspectivação de Sofia Miguens acerca de Hegel, enfatizando as dimensões de racionalismo absoluto do seu pensamento, inserindo-o num enquadramento metafísico “híper-racionalista e idealista-absoluto”,⁵ concentra-se, de um modo quase exclusivo, nos modos de refutação do designado racionalismo absolu-

⁴ *Ibid.*, 62.

⁵ *Ibid.*, 79.

to de Hegel empreendidos ao longo do século XIX por filósofos tão distintos como Marx, Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche. Neste sentido, a influência de Hegel no pensamento filosófico posterior apresenta-se interpretada como uma influência determinadamente negativa: Hegel como objecto de contestação, ou a contestação a Hegel como movimento filosófico configurador do pensamento do século XIX. A excepção a esta orientação negativa da leitura do pensamento hegeliano consiste na atenção concedida pela autora a um certo gosto francês pela filosofia hegeliana, desenvolvido através de visões ou posturas supostamente marxistas, elaborado por Alexandre Kojève; é, pois, a célebre interpretação de Hegel elaborada por Kojève, amplamente dedicada às temáticas do reconhecimento e à dialéctica do senhor e do escravo de *A Fenomenologia do Espírito*, a qual influenciou profundamente a filosofia francesa a partir da década de 1930 – Bataille, Merleau-Ponty, Lacan, Foucault, Derrida, são, entre outros, mencionados –, que concentra, em verdade, a interpretação de Sofia Miguens acerca da importância de Hegel na filosofia contemporânea.

No que concerne a exposição e o tratamento dos pensamentos de Marx, Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche, importaria salientar o modo como Sofia Miguens inicia a sua apresentação dos distintos filósofos – tomados como contestatários de Hegel –, considerando a emergência de uma nova concepção de filosofia como “crítica ético-política-existencial”,⁶ a qual poderia ser analisada, não somente como uma singular postura de contestação de Hegel, mas, inclusivamente, como um certo afastamento relativamente à filosofia kantiana e à predominância de um modo de fazer filosofia composto por uma orientação epistemológica marcante (não obstante a relevância do pensamento kantiano em Schopenhauer, tal como adverte a autora). As questões éticas (Schopenhauer), políticas (Marx), existenciais (Kierkegaard) e estéticas (Nietzsche) afiguram-se, pois, como expressão de distintos modos de refutação do racionalismo absoluto de Hegel, mas, também, como manifestação de uma recusa de concessão de especial importância à epistemologia como modo primeiro do filosofar (não será supérfluo, a este respeito, evocar a sentença schopenhaueriana, de *O Mundo como Vontade e Representação*, que afirma que a ética se constitui como o mais importante domínio da filosofia, pois é aquele que trata da prática da vida, justamente).

De um modo que se afigura sempre interessante, Sofia Miguens não se coíbe de traçar as influências – e, por vezes, afinidades – de Schopenhauer e de Kierkegaard relativamente a Wittgenstein (uma das figuras que percorre de modo mais determinante este livro, e cujo pensamento se apresenta incessantemente cruzado com o pensamento de distintos filósofos, resultando em leituras tão ricas quanto desafiantes). E, com efeito, as páginas mais cativantes dedicadas aos quatro contestatários de Hegel são, em verdade, as páginas nas quais se expõe e se trata os pensamentos dos dois filósofos intensamente lidos e enaltecidos por Wittgenstein, a saber: Schopenhauer e Kierkegaard. Este último em especial, Kierkegaard, tomado como um pensador *anti-Hegel*, é merecedor de comentários subtilmente

⁶ *Ibid.*, 94.

sofisticados: aquando da menção à ironia kierkegaardiana, a autora sugere uma curiosa contraposição entre duas posturas filosóficas, o humor de Kierkegaard e a seriedade de Hegel. No entanto, importaria assinalar que Sofia Miguens não considera devidamente a influência, profundamente veneranda, do pensamento de Kierkegaard no âmbito da filosofia alemã das primeiras décadas do século XX, e que conduziu, de um modo mais definitivo, à elaboração de relevantes aspectos do pensamento de Heidegger e de Jaspers. A *paixão kierkegaardiana* que assomou a Alemanha de inícios do século XX não é, em verdade, uma temática abordada pela autora. Em todo o caso, a perspetivação de afinidades e de correspondências filosóficas entre Kierkegaard e Wittgenstein, assumida e apresentada de um modo que resulta sempre filosoficamente rico, pertinente e valoroso, recompensa quaisquer expectativas do leitor quanto à consideração de influências, apreciadas de um modo mais ou menos corrente e convencional, de Kierkegaard relativamente à filosofia contemporânea.

A “Parte II” de *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos* constitui um momento crucial desta história da filosofia contemporânea. Encontramo-nos, assim, no ponto essencial desta obra. Mediante o recuso a uma singular arte de apreciar afinidades (e descontinuidades) entre as mais distintas figuras, entre os mais diversos movimentos, que compõem o pensamento contemporâneo, é nas páginas da “Parte II” que Sofia Miguens dá corpo à exposição e sustentação da tese mais relevante deste livro, que pode ser descrita como a proposta de possibilidades de perspetivação de confluências filosóficas entre as duas linhagens do pensamento contemporâneo que determinaram, de modo estruturante, a filosofia nos finais do século XIX e inícios do século XX – a saber, a filosofia analítica e a fenomenologia. Leia-se, a este respeito, a autora, ainda no contexto da “Introdução”, na qual já se assume uma visão própria quanto à identificação de quatro filósofos tomados como determinantes, interessantemente apreciados em pares ou duplas, consoante as afinidades (ou descontinuidades) dos seus pensamentos:

Frege e Husserl, Heidegger e Wittgenstein [...] podem por si ser tão exemplares da filosofia contemporânea e dos rumos destas como Platão ou Descartes o são da filosofia antiga e moderna, respectivamente. E isso torna particularmente interessante o seguinte facto: se é verdade que Frege e Husserl têm propósitos comuns e mesmo teses convergentes, Heidegger e Wittgenstein, os seus “discípulos” já não poderiam sequer, talvez, entender-se entre si.⁷

Frege e Husserl – Wittgenstein e Heidegger: estas quatro figuras, e os seus pensamentos filosóficos, perspectivadas à luz do estudo cuidado das suas afinidades e descontinuidades, constituem o núcleo em torno do qual as principais posições de Sofia Miguens acerca da história da filosofia contemporânea se en-

⁷ *Ibid.*, 21.

contram formuladas e desenvolvidas. Primeiramente, Frege e Husserl: a apreciação de proximidades filosóficas entre os dois fundadores da filosofia analítica e da fenomenologia, as duas tradições filosóficas que moldaram o pensamento contemporâneo, assume-se como o propósito de Sofia Miguens ao longo do primeiro capítulo desta “Parte II”, intitulado “Frege e Husserl: A Filosofia Analítica e a Fenomenologia Nascentes”. Com efeito, a autora sugere a possibilidade de compreender os projectos filosóficos tanto de Frege quanto de Husserl como singulares modos de recusa do idealismo absoluto hegeliano e do irracionalismo que se lhe contrapôs, contestando-o, no âmbito da filosofia alemã do século XIX – como se os projectos de Frege e Husserl configurassem um *corpus* filosófico inaugural, cuja influência se determinaria no âmbito do novo século, o século XX, rompendo com as posturas filosóficas dominantes que marcaram o século anterior. Como tal, a introdução destas duas figuras, Frege e Husserl, realiza-se à luz da possibilidade da sua inserção no panorama mais lato da filosofia alemã, cumprindo o plano inicialmente proposto por Sofia Miguens quanto às possibilidades de perspetivação de uma raiz comum – *germânica* – da filosofia analítica e da fenomenologia. A apreciação das proximidades e convergências filosóficas que compõem os pensamentos de Frege e de Husserl constitui o *tour de force* deste livro. Neste sentido, os dois autores fundadores das duas tradições filosóficas que determinaram o pensamento contemporâneo são perspetivados nos seus interesses e preocupações filosóficos comuns, designadamente no que concerne: (i) a consideração da especificidade do acto de filosofar – o que é fazer filosofia? –, avaliado como um atentar sobre o pensamento enquanto tal, os seus conteúdos, e a sua relação com mundo; (ii) a rejeição dos métodos das ciências naturais enquanto instrumentos válidos para compreender o pensamento e a sua relação com o mundo – segundo uma recusa declarada da psicologia, disciplina emergente, concebida como uma ciência natural entre as ciências naturais, que estuda a cognição, ou o comportamento, mas não a natureza do pensamento enquanto tal e a relação pensamento-mundo –, resultando, de acordo com os termos utilizados pela autora, numa postura comum antinaturalista e antipsicologista e, correlativamente, num gesto explícito de “despsicologização do estudo do pensamento”;⁸ (iii) a elaboração de propostas de métodos especificamente filosóficos que orientam o próprio acto de filosofar – a saber, a criação do método analítico como análise da linguagem e a criação do método fenomenológico como análise da experiência da consciência. A temática da elaboração do *método filosófico*, um dos eixos teóricos relevantes que orienta Sofia Miguens na sua leitura da filosofia contemporânea, é claramente explicitada pela autora no que concerne Frege e Husserl:

O pensamento deve, segundo, respectivamente, a fenomenologia e a filosofia analítica, ser abordado através de uma análise da linguagem. De acordo com a fenomenologia, o objecto da filosofia é a descrição dos conteúdos-da-consciência-tanto-quanto-esta-representa-o-que-quer-que-

⁸ *Ibid.*, 143.

seja, suspendendo qualquer referência ao mundo físico e ao estudo deste em termos de causalidade que é feito pelas ciências naturais. O mundo natural é o terreno adquirido e legítimo das ciências naturais. À filosofia cabe a descrição do mundo na consciência [...]. De acordo com a filosofia analítica, que deve muito ao desenvolvimento da lógica formal, o objecto da filosofia é o estudo (englobante, geral) do pensamento. Esse estudo deve ser feito (só pode ser feito) por meio da análise (lógica) da linguagem. Porquê a análise da linguagem? Porque só a linguagem torna o pensamento público e objectivo, por oposição às imagens e sentimentos que povoam as vidas mentais dos indivíduos e que não permitiriam a partilha de pensamentos. Ora, a partilha de pensamentos é um facto. A linguagem possibilita inquéritos racionais comuns [...]. A linguagem pode ser um espelho distorcido do pensamento, mas é o único espelho que temos, a única moeda comum.⁹

É pertinente assinalar que a interpretação de Husserl avançada por Sofia Miguens – e a sua perspetivação quanto à proposta de afinidades mantidas com Frege – toma por objecto uma fase do pensamento do filósofo anterior à elaboração e ao desenvolvimento da fenomenologia enquanto projecto filosófico. Em verdade, e seguindo um eminente estudioso de Husserl como Jocelyn Benoist, a autora desta história da filosofia contemporânea elege como objecto da sua exposição uma fase do pensamento husserliano marcado predominantemente pela lógica, pela semântica, pelo inquérito relativo à natureza da significação. Trata-se, com efeito, do pensamento husserliano representado na obra de 1900-1901 sob o título *Investigações Lógicas*, um momento anterior à fundação da fenomenologia enquanto projecto filosófico e à subsequente criação dos seus conceitos afins (ou subconceitos), tais como *epoché/redução fenomenológica*, apresentado como método fenomenológico, ou *constituição* (do *sentido* do mundo pela consciência). Tais conceitos fenomenológicos datam, em verdade, de um período do pensamento husserliano posterior, já desenvolvido durante os anos em que o filósofo ocupava a cátedra de Gotinga – evoquemos o ano de 1913, ano em que é publicado o primeiro volume de *Ideen*, convencionalmente perspectivado como a obra fundadora da fenomenologia enquanto tal. Neste sentido, as orientações filosóficas mais representativas da fenomenologia – e que se tornaram as mais relevantes na formulação das distintas posturas fenomenológicas surgidas no decurso do pensamento do século XX, tomadas ora como objecto de enaltecimento ora como alvo de rejeição – não são demoradamente analisadas por Sofia Miguens: pensemos na determinação crescentemente *idealista* da fenomenologia, pensemos na relevância da proposta do conceito de *Lebenswelt*. Afirmar-se-ia, com alguma justeza: o período do pensamento de Husserl no qual Sofia Miguens procura compreender afinidades filosóficas com Frege não constitui o período mais representativo – mais influente, mais determinante – do pensamento do filósofo. Todavia, e não

⁹ *Ibid.*, 143-144.

obstante o que agora se afirma, há que compreender que a singularidade da perspectivação de Sofia Miguens acerca da filosofia contemporânea é pautada por uma atenção dedicada às possibilidades de determinação de aspectos afins ou convergentes entre as suas distintas tradições, avaliando a potencialidade de uma nova leitura que não pretende reiterar os modos convencionais de apreciação das figuras e dos movimentos que moldaram o pensamento contemporâneo. O carácter de novidade que envolve esta leitura de Husserl, desenvolvida no seguimento dos trabalhos de Benoist (tal como a autora esclarece continuamente), no âmbito de uma obra de história de filosofia contemporânea surgida no contexto do universo académico português, deverá ser tomado em justa consideração – isto é, como um elemento, no mínimo, salutar.

Frege e Husserl – Wittgenstein e Heidegger: estas são, tal como a autora nos propõe, as quatro figuras-chave segundo as quais a filosofia contemporânea, nas suas linhagens analítica e continental, se afigura estruturada. Todavia, tal opção de exposição da filosofia contemporânea segundo a determinação de afinidades/descontinuidades entre *pares de filósofos* – Frege e Husserl, os fundadores de duas tradições filosóficas (a filosofia analítica e a fenomenologia) e Wittgenstein e Husserl, os seus discípulos –, uma opção de exposição declaradamente introduzida como modo próprio de perspectivação da filosofia contemporânea avançada por Sofia Miguens poderá, à primeira vista, ser avaliada como menos apropriada no que concerne à devida apreciação da história da filosofia analítica. Repare-se que, na “Introdução”, Sofia Miguens esclarece que Russell não constituirá um autor central nesta sua leitura da filosofia contemporânea, justificando esta opção através da ênfase no interesse que este livro revela pela filosofia alemã.¹⁰ Contudo, seria precipitado inferir daqui que não é reconhecida a importância do pensamento de Russell na filosofia contemporânea – seria leviano, para além de erróneo, assim concluir: a autora reconhece que Russell “sem qualquer dúvida, do ponto de vista da história da filosofia analítica, e em particular da importância que a filosofia da linguagem teve para a história da filosofia analítica, uma figura fundamental.”¹¹ Importaria ainda, a este respeito, tomar em atenta consideração o modo como a autora trata o pensamento de Russell, quer no que respeita ao lugar que este ocupa no contexto filosofia contemporânea – em especial, no âmbito da filosofia analítica –, quer no que concerne ao lugar que lhe é atribuído nesta história da filosofia contemporânea. Não obstante a opção inicialmente avançada por Sofia Miguens relativamente à apreciação de afinidades/descontinuidades entre pares de filósofos – pares de filósofos *germânicos*, assinala-se –, importaria elucidar a influência decisiva de Russell nas filosofias tanto de Frege quanto de Wittgenstein. Estaríamos, portanto, perante um trio ou uma tríade de figuras, o qual poderá traduzir, assim sustentaríamos, um modo de avaliação e de compreensão do pensamento analítico mais apropriado ou ajustado ao seu desenvolvimento e configuração filosóficas: Frege, Wittgenstein, e as relações, inflexões, continuidades e divergências das

¹⁰ *Ibid.*, 31, n.35.

¹¹ *Ibid.*, 20, n.13.

suas filosofias com teses de Russell. Conquanto não eleja a figura de Russell como elemento estruturante nesta história da filosofia, sublinhe-se que Sofia Miguens dedica um “Excurso” ao seu pensamento que, muito embora seja perfilado a jeito de contraste nítido com aspectos relevantes das filosofias de Frege e Wittgenstein, ilustra na perfeição o motivo pelo qual Russell – a par com Frege e Wittgenstein – é um dos rostos incontornáveis na história da filosofia contemporânea. É digno de notar que, relativamente a Frege, a autora não se limita a avaliar afinidades com a filosofia de Husserl. As teses de Frege – uma das figuras centrais deste livro – são apresentadas mediante um contraste pertinente com momentos-chave da filosofia de Russell.

Um outro aspecto, tão curioso quão determinante, que exemplifica a importância de Russell na história da filosofia contemporânea, mencionado por Sofia Miguens não obstante a sua opção em não atribuir ao filósofo uma posição privilegiada neste livro, relaciona-se com o facto de Russell ter sido responsável pela “conversão” de Wittgenstein à filosofia.¹² Com efeito, a importância decisiva do pensamento de Russell – e a sua preponderância na configuração e no desenvolvimento da filosofia analítica – deverá ser apreciada não somente em relação com Frege, mas inclusivamente, com o pensamento de Wittgenstein. O interesse filosófico desta tríade analítica – Frege, Russell e Wittgenstein – orienta-se para uma tentativa de compreender o pensamento e as suas relações com a linguagem e com o mundo. Sofia Miguens esboça uma leitura de Wittgenstein enfatizando os contrastes entre a primeira fase do seu pensamento, caracterizada pelo “realismo metafísico do *Tratado Lógico-Filosófico*” que surge como uma resposta às filosofias de Frege e de Russell, e a segunda fase do seu pensamento, marcada pelo “(suposto) anti-realismo das *Investigações Filosóficas*”.¹³ Nas *Investigações*, Wittgenstein avança uma abordagem das questões da linguagem que se desloca do uso metafísico das palavras – que havia proposto no *Tratado*, onde retomou o atomismo lógico de Russell e defendeu a ideia de isomorfismo entre a pensamento-linguagem-mundo – para o seu uso quotidiano que, por seu turno, assenta na ideia central de que são os usos da linguagem nas nossas formas de vida que lhe dão sentido: “é aquilo a que usualmente se chama uma teoria da significação como uso”.¹⁴ Desde modo, em si mesma, a proposta de Wittgenstein, consiste num método de análise filosófica: “[a] filosofia é agora vista como uma terapia conceptual que liberta o nosso pensamento do ‘enfeitiçamento pela linguagem’ a que ele está sempre sujeito. Essa terapia pratica-se ‘perseguindo’ a gramática, i.e., a ‘história natural’ dos termos, a forma como estes são de facto usados em práticas várias”.¹⁵ A figura de Wittgenstein serve, neste livro, de contraponto a Austin, um dos expoentes da chamada *filosofia da linguagem comum*, eleito por Sofia Mi-

¹² *Ibid.*, 179.

¹³ *Ibid.*, 183.

¹⁴ *Ibid.*, 193.

¹⁵ *Ibid.*, 195-196.

guens como representante da tradição inglesa, cujo pensamento é abordado no primeiro “Parte III”.

É patente neste livro, e tornado explícito pela autora na “Introdução”, uma intenção de desconstruir certos equívocos, tornados trivialidades ou lugares-comuns, acerca da filosofia analítica. Tal intenção torna-se particularmente visível no modo como os pensamentos de Frege e de Wittgenstein, duas das mais importantes figuras da filosofia analítica, são introduzidos. Frege, por exemplo, é-nos apresentado, não somente como o fundador da filosofia analítica, mas também como “o fundador da filosofia da linguagem”.¹⁶ Mas tal não deve iludir-nos quanto às pretensões do próprio Frege ou dos seus discípulos. Sofia Miguens esclarece, cuidadosamente, que o que Frege “traz [...] de novo é uma ideia metodológica, a ideia de concentrar as investigações filosóficas na linguagem e de usar meios lógicos para o fazer, bem como, evidentemente, o facto de ter desenvolvido, ele próprio, um sistema lógico para apoiar tais investigações”.¹⁷ Isto não significa, de modo algum, que os interesses de Frege se debruçam somente, ou especialmente, sobre linguagem ou lógica; a imagem de Frege que nos é apresentada é a de um autor que partilha os interesses clássicos da filosofia, procurando compreender a relação do pensamento com a linguagem e o mundo, e a verdade. O mesmo é-nos dito acerca de Wittgenstein quando a autora retrata um episódio em que o filósofo pergunta, numa célebre carta ao seu amigo e discípulo Norman Malcolm, qual seria o interesse de estudar filosofia se ela não nos capacita para tratar de assuntos importantes da vida, mas meramente de assuntos abstrusos da lógica.¹⁸ A imagem caricatural da filosofia analítica e da sua postura de veneração intensa (e quase exclusiva) dos métodos de análise da linguagem, não só tomada superficialmente como uma “mistura de lógica e positivismo”¹⁹ à la Círculo de Viena, mas também como uma pretensão de desvinculação ou rejeição relativamente à história da filosofia constitui, em verdade, uma dos equívocos que Sofia Miguens pretende desconstruir nesta sua história da filosofia contemporânea: trata-se de uma “imagem desactualizada em pelo menos oitenta anos”.²⁰ Tal é particularmente evidente no retrato de Wittgenstein, figura paradigmática da filosofia analítica que, como elucida a autora, ficara seriamente desagradado com a recepção que o seu *Tratado Lógico-Filosófico* merecera por parte de Russell e do Círculo de Viena que o tomara, erroneamente, como uma importante obra de lógica.

A “Parte III” de *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos*, dedicada aos distintos figuras e movimentos filosóficos da segunda metade do século XX, traduz a apreciável capacidade da autora, Sofia Miguens, em expor e analisar diferentes correntes, modos e posturas de pensamento provin-

¹⁶ *Ibid.*, 148.

¹⁷ *Ibid.*, 150-151.

¹⁸ *Ibid.*, 184.

¹⁹ *Ibid.*, 33.

²⁰ *Ibid.*, 33.

dos de ambas as tradições filosóficas consideradas, a tradição analítica e a tradição continental. Esta terceira parte, obedecendo a uma lógica expositiva mais sequencial e, neste sentido, mais convencional e expectável, oferece, no entanto, uma perspectivação fina sobre as possibilidades de conciliar diferentes figuras segundo *gerações filosóficas* – e tal é particularmente visível no âmbito do pensamento francês, tal como a autora o apresenta. No contexto do primeiro capítulo desta terceira parte, intitulado “O Pensamento Francês”, Sofia Miguens delinea a sua proposta de conceber a filosofia francesa da segunda metade do século XX à luz de três momentos, “três tempos”,²¹ no decurso dos quais três gerações de filósofos poderão ser inseridas e consideradas: o primeiro momento diz respeito à geração da fenomenologia e do existencialismo, com Sartre e Merleau-Ponty; o segundo momento relaciona-se com a geração do (pós)estruturalismo, com Foucault, Derrida e Deleuze; e o terceiro momento – aquele que traduz, porventura, a visão mais singular de Sofia Miguens no âmbito deste capítulo – constitui-se segundo duas figuras, designadas de *inenquadráveis*, mas consideradas à luz do pendor idiossincraticamente “religioso”,²² do seu pensamento, tratando-se, assim esclarece a autora, de dois autores cujos pensamentos promoveram a “viragem teológica da fenomenologia francesa”:²³ Ricoeur e Levinas. Exceptuando o terceiro momento do pensamento francês – o qual poderá ser lido como uma subtilidade digna de atenção apresentada pela autora –, o delineamento das duas gerações existencialista e pós-estruturalista não parece ser merecedor de consideração especial. Todavia, importaria assinalar o cuidado revelado por Sofia Miguens no desenho das duas mencionadas gerações filosóficas à luz das suas afinidades com o pensamento alemão do século XIX: com efeito, a geração fenomenológica e existencialista apresenta-se compreendida segundo os seus modos de recepção e de convocação dos pensamentos filosóficos dos designados *três agás (h)*, a saber: Hegel-Husserl-Heidegger; e, por sua vez, a geração do pós-estruturalismo assume-se avaliada segundo os seus modos de releitura da tríade Nietzsche-Freud-Marx. Tendo presente tais possibilidades de delineamento das distintas gerações filosóficas que compõem o pensamento francês da segunda metade do século XX, cumpre, assim, salientar o facto de Sofia Miguens nunca abandonar a sua visão filosófica de partida, a sua postura filosófica inicialmente avançada, acerca da origem germânica da filosofia contemporânea – analítica e continental, certamente, e neste sentido, também a filosofia francesa.

No entanto, a ênfase de Sofia Miguens dedicada à temática da origem alemã da filosofia contemporânea não integra uma posição definida ou demarcada acerca do pensamento alemão do século XX. Após a apreciação dos pensamentos de Frege e de Husserl (e dos seus discípulos Wittgenstein e Heidegger), a autora não desenvolve uma posição que se afirme pela singularidade ou pela distinção da

²¹ *Ibid.*, 228.

²² *Ibid.*, 261.

²³ *Ibid.*, 261.

sua leitura relativamente à filosofia alemã dos séculos XX e XXI. A exposição do pensamento alemão do século XX, em torno do qual se desenvolve o segundo capítulo desta terceira parte, sob o título “Tradição Alemã”, é pautado por um carácter expositivo demasiado breve e ausente de elementos merecedores de discussão ou problematização filosóficas. Trata-se, com efeito, de um capítulo dedicado exclusivamente a uma escola de pensamento, a escola de Frankfurt. Tomando em consideração o facto de esta história da filosofia contemporânea apresentar o pensamento alemão como a sua pedra de toque, sustentando, de um modo particularmente enfático, a filosofia kantiana como o seu marco inicial, cumpre assinalar a ausência de qualquer menção ao neokantismo e aos seus modos de recuperação de Kant (*Zurück zu Kant!*) nos inícios do século XX. No mesmo sentido, o célebre debate entre Cassirer e Heidegger acerca da interpretação de Kant, um encontro (ocorrido em Davos) filosoficamente marcante do pensamento alemão do século XX, não é objecto relevante nesta história da filosofia contemporânea. Dever-se-ia, a este respeito, referir o facto de Sofia Miguens perspectivar as influências mais determinantes (a recepção favorável ou a rejeição total ou parcial) de um filósofo como Heidegger no âmbito, quase restrito, da fenomenologia francesa – exceptue-se, no entanto, as menções às posturas de contundente rejeição de Heidegger por parte de Adorno, as quais configuram um peculiar debate que só poderá ser caracterizado como unilateral, tendo em conta o total silêncio de Heidegger relativamente a eventuais discussões filosóficas mantidas com pensadores alemães seus contemporâneos (especialmente após 1945).

A propósito da exposição da teoria da acção comunicacional de Habermas, Sofia Miguens recupera a sua posição filosófica inicialmente avançada, a qual se afigura, igualmente, como o seu modo de exposição preferencial relativamente aos pensamentos filosóficos apresentados: a possibilidade de avaliar pontos de contacto entre as duas tradições do pensamento contemporâneo, através, neste caso particular, da análise da convocação por parte de Habermas dos estudos sobre linguagem desenvolvidos por Austin, a quem está dedicada a primeira secção (“A filosofia da linguagem comum: Austin”) do último capítulo desta “Parte III” intitulado “Tradição Anglófona”. A teoria dos actos de fala, que assumiu um importante impacto para lá das fronteiras da filosofia de língua inglesa, apresenta-se como um contraexemplo à concepção representacionista da linguagem que já havia sido condenada por Wittgenstein nas *Investigações*. Deste modo, a “teoria austiniana dos actos de fala não é apenas uma tipologia linguística – é uma concepção da natureza da filosofia”.²⁴ Sofia Miguens apresenta, ao longo deste capítulo, uma exposição nuanceada do pensamento de Austin, trazendo à superfície o seu impacto para a epistemologia, filosofia da percepção e, em particular, para a filosofia da linguagem onde, a par com Wittgenstein e Searle, o nome de Austin surge como expoente da chamada *filosofia da linguagem comum*.

Não obstante o carácter marcadamente expositivo desta secção, neste ponto, importaria chamar a atenção para o facto de Sofia Miguens manter, ao lon-

²⁴ *Ibid.*, 290-291.

go de toda esta sua história da filosofia, a postura interpretativa que já anuncia na “Introdução”: este livro é, da primeira à última frase, uma obra elaborada segundo pontos de vista muito próprios e afirmações que se afiguram tão provocadoras quanto seguras de si mesmas. Um exemplo de tal postura é particularmente visível no momento em que a autora atribui uma certa responsabilidade a Searle — aluno de Austin em Oxford e, também ele, Searle, um filósofo determinante no que concerne à teoria dos actos de fala — pelo facto de o nome de Austin surgir de forma demasiado difusa na história da filosofia: “Searle [...] tem responsabilidade pela difusão desta imagem distorcida de Austin [que] tem o inconveniente adicional de ocultar o facto de Austin ser muito melhor filósofo do que Searle”.²⁵ Esta última afirmação da autora, avançada segundo um ponto de vista quiçá demasiado próprio, pessoal, e porventura provocador, mereceria, assim cremos, ser filosoficamente desenvolvida, sustentada, justificada. No entanto, Sofia Miguens nada mais avança acerca de Searle e do seu pensamento, limitando-se, com efeito, à referência às pretensas responsabilidades de Searle no que respeita à imagem (supostamente) distorcida de Austin na história da filosofia (em especial, no que concerne a teoria dos actos de fala) e à sentença, lacónica e, como tal, lacunar (porque destituída de explicitação) acerca da inferioridade filosófica do pensamento de Searle relativamente a Austin.

Há, ainda, um outro ponto que talvez mereça ser digno de menção: ao traçar as inflexões, e ao colocar em relevo a importância da teoria dos actos de fala para filósofos de hoje — e da tradição continental, como é o caso de Habermas —, Sofia Miguens situa a origem da teoria dos actos de fala em Austin: “o campo da *speech act theory* foi inaugurado apenas no século XX, por Austin e Searle (respectivamente em obras como *How to Do Things with Words* [1962] e *Speech Acts* [1969]”.²⁶ Embora a chamada filosofia da linguagem comum e, em particular, a teoria dos actos de fala, tal como a conhecemos hoje, surja com autores como Austin e Searle, teria sido talvez pertinente, tendo presente que um dos propósitos deste livro de Sofia Miguens é traçar continuidades e convergências entre as duas tradições tomadas, na ortodoxia, como rivais — a saber, as tradições analítica e continental —, mencionar os nomes de Adolf Reinach, filósofo alemão da escola de fenomenologia de Munique, e Karl Bühler, psicólogo e linguista alemão, cujos pensamentos e obras são hoje considerados como importantes contributos que antecipam a teoria dos actos de fala que viria a ser posteriormente desenvolvida por Austin e Searle.

Austin, Quine e Davidson são filósofos que partem da linguagem para alcançar uma concepção do mundo, uma concepção acerca do que é conhecer, pensar e falar/interpretar uma linguagem. O penúltimo capítulo (“Mente e interpretação: Quine e Davidson”) da “Parte III” desta história da filosofia contemporânea dedica-se às duas últimas figuras mencionadas, elegidas pela autora como representantes da tradição analítica americana. Em poucas páginas, Sofia Miguens dá

²⁵ *Ibid.*, 290, n. 246.

²⁶ *Ibid.*, 291.

conta das continuidades e divergências mais acentuadas nas obras de ambos os filósofos, bem como da motivação das propostas de cada um. Mais directamente no que diz respeito à obra de Quine é dado especial destaque à sua proposta de uma epistemologia naturalizada, assente na crítica à distinção analítico-sintético e ao reducionismo avançada em “Two Dogmas of Empiricism” (1951) que, por sua vez, constitui uma crítica directa ao Positivismo Lógico, em especial ao seu critério de significação que havia sido retomado de uma leitura do *Tratado* de Wittgenstein – erroneamente, segundo Wittgenstein, como já mencionámos acima. Esta crítica de Quine esteve na origem de uma concepção holista do conhecimento com repercussões impactantes na epistemologia contemporânea, conduzindo a uma postura que rejeita a cisão tradicional entre filosofia e ciência que, por sua vez, viria a ser descartada pelo seu herdeiro intelectual – Davidson – cuja obra pode ser lida como uma crítica às propostas de Quine.

Um aspecto curioso quanto ao capítulo “Tradição Anglófona” desta história da filosofia é a atenção dada à epistemologia, especialmente às propostas de Austin e Quine, apresentados como dois dos mais importantes epistemólogos do século XX. O pendor epistemológico deste capítulo leva a que algo mais deva ser dito quanto ao trio Austin-Quine-Davidson. Conquanto Davidson não surja, usualmente, na lista dos mais importantes epistemólogos do século XX, teria sido relevante avaliar com devida justeza as suas propostas em epistemologia. Na fase final da sua obra marcada essencialmente pelas suas teses sobre a intersubjectividade, no âmbito da qual se afasta de um projecto de orientação mais semântica e se aproxima de um projecto mais especulativamente empírico, Davidson rompe com uma tradição epistemológica anterior, iniciada em Descartes e que se prolonga até Quine – pelo menos, tal como Davidson a perspectiva e delimita. A esta tradição chama “epistemologias subjectivistas”: cumpre lembrar aqui que o próprio Quine fez *mea-culpa* quanto às objecções de Davidson, que o acusou, inclusivamente, de cartesianismo. Em oposição a estas propostas epistemológicas subjectivistas cartesianas/quineanas, Davidson propôs uma epistemologia intersubjectiva de acordo com a qual o conhecimento como um todo alicerça-se em três tipos de conhecimento mutuamente dependentes: o subjectivo, o objectivo, e o intersubjectivo – o “tripé”,²⁷ aludido por Sofia Miguens neste livro. Embora a autora mencione, corretamente, que “[u]ma outra posição epistemológica importante de Davidson neste contexto é a sua rejeição do cepticismo”,²⁸ caberia ainda esclarecer que são as teses acerca da intersubjectividade, desenvolvidas no contexto da interpretação radical, que conduzem Davidson a descartar o cepticismo, embora a sua preocupação filosófica nunca se tenha voltado para o cepticismo *per se*. Qualquer rejeição do cepticismo por parte de Davidson constitui um efeito colateral de um projecto filosófico unificado – o que, por sua vez, pode constituir uma ilibação de responsabilidade quanto ao facto de, a nosso ver, não ser feita devida justiça quanto à originalidade do projecto filosófico de Davidson no que à episte-

²⁷ *Ibid.*s, 336.

²⁸ *Ibid.*, 336.

mologia diz respeito. Embora o retrato convencional de Davidson na filosofia contemporânea tenda a apresentá-lo como subsidiário da filosofia de Quine, importaria esclarecer que as suas propostas não devem ser avaliadas como um decalcação das propostas filosóficas deste último.

Não obstante o que se afirma, há algo de verdadeiramente valioso e digno de louvor na selecção das figuras de Quine e Davidson por Sofia Miguens como representantes da tradição analítica americana. Cremos que a mesma constitui uma chamada de atenção voluntária para o facto de a “identidade” – se assim se pode dizer – da filosofia analítica não poder ser traçada de uma forma simples. Muito embora a dívida intelectual de Davidson para com Quine seja reconhecida em praticamente toda a sua obra, os projectos filosóficos de cada um deles são radicalmente divergentes. (Com efeito, assim como Wittgenstein atribuiu a Russell a sua conversão à filosofia, o mesmo poderia ser dito acerca de Davidson relativamente a Quine, após o contacto com este último em Harvard por volta de 1939-1949).²⁹ Através de um contraste sucinto entre as teses de ambos filósofos, a autora mostra ao leitor que estamos perante dois representantes da filosofia analítica que muito pouco têm em comum. A escolha astuta de Quine e Davidson como representantes da tradição analítica americana constitui uma forma salutarmente elucidativa de a autora nos chamar a atenção para a heterogeneidade que se encontra no seio da filosofia analítica e, por conseguinte, para a dificuldade em defini-la ou caracterizá-la mediante a imputação de rótulos fáceis e prontos.

O último capítulo da “Parte III” (“Pragmatismo: o caso de Rorty”) está dedicado a Richard Rorty, filósofo americano escolhido neste livro como representante do pragmatismo. Sofia Miguens concebe o pensamento de Rorty como um complexo desafio que a filosofia analítica tivera de acolher e enfrentar, sugerindo que a identificação da filosofia analítica com filosofia americana é errada. A obra de Rorty, juntamente (talvez) com a de Davidson – uma das suas inspirações intelectuais –, afasta-se dos cânones da filosofia analítica *simpliciter* e proclama-se como uma pós-filosofia, uma “conversação da humanidade”, usualmente associada ao pragmatismo. O que motiva Sofia Miguens neste capítulo não é o intento de caracterizar, de um modo aprofundado, o pragmatismo, nas suas diferentes variantes, não se demorando na sua exposição. Com efeito, a autora desta história da filosofia contemporânea não considera Rorty como um pragmatista emblemático, justificando a sua leitura mediante o facto de a obra de Rorty se limitar a “pôr a nu o que podem ser (ou não) as *consequências do pragmatismo*”.³⁰ O percurso que a autora faz pela obra de Rorty é, cremos, esclarecedora e cumpridora dos seus propósitos: clarificar que as chamadas tradições analítica e continental não cobrem exhaustivamente tudo aquilo que se faz em filosofia. No entanto, cumpre assinalar que apesar de reconhecer os múltiplos aspectos controversos da leitura de Rorty da história da filosofia – leitura esta que chegou inclusive a ser rejeitada por alguns dos interpretados – Sofia Miguens parece subscrever certas interpretações rortya-

²⁹ *Ibid.*, 326.

³⁰ *Ibid.*, 338.

nas quanto às posições de determinados autores. Um caso exemplar é, novamente, Davidson e a (pelo menos aparente) oscilação, neste livro, quanto à filiação na corrente pragmatista. A título ilustrativo, embora reconheça que Davidson tenha rejeitado a interpretação de Rorty relativamente à sua postura quanto à verdade,³¹ a autora desta história da filosofia parece incluir Davidson no conjunto dos pragmatistas: “[e]m contrapartida, é verdade que alguns dos maiores filósofos analíticos americanos contemporâneos – W. V. Quine, Donald Davidson e Hilary Putnam – se filiam na tradição pragmatista”.³² Ora, Quine e Putnam afirmam-se explicitamente pragmatistas. Mas o mesmo não pode ser dito quanto a Davidson, que chegou a afirmar que nunca entendeu exactamente o que se pretende dizer sob a designação “pragmatismo”. Não obstante o facto de as suas teses acerca de intersubjectividade terem sido inúmeras vezes associadas a esta tradição, Davidson sempre afirmou que os pragmatistas clássicos eram demasiado difíceis de ler e que a ideia de “acordo intersubjectivo” ou “conversação”, essencial ao pragmatismo, converte a filosofia em algo pouco rigoroso, constituindo um método filosófico que não é o seu e com o qual está em desacordo. Todavia, e como temos dito em várias ocasiões, Sofia Miguens não se limita a descrever uma história da filosofia contemporânea; a autora deste livro *repensa*, de um modo muito próprio, a história, apresentando-nos uma leitura muito própria e desafiante da mesma.

A última parte deste livro, dedicada ao século XXI e intitulada “Ética e Estética: Rumos e Orientações”, poderá ser lida como um afastamento do propósito inicial que guia esta história da filosofia – a saber, o intento de traçar convergências entre as tradições analítica e fenomenológica –, como que configurando aquilo que poderíamos chamar um “olhar para o futuro”. Com efeito, no âmbito da última parte do seu livro, Sofia Miguens propõe-se expor e sistematizar diversos projectos, correntes e movimentos filosóficos dos nossos dias, provindos de distintas tradições ou linhagens de pensamento, e possuidores de orientações e propósitos teóricos amplamente díspares, porventura incomensuráveis. Debruçando-se brevemente sobre filósofos como Badiou, Rancière, Žižek e Agamben; Butler; Diamond, McDowell e Cavell, a autora propõe, assim, um olhar dirigido ao século XXI como parte integrante da sua história da filosofia contemporânea

Recorde-se que Sofia Miguens inicia esta leitura da filosofia contemporânea olhando para trás no tempo, para Kant. Preste-se agora atenção ao modo como a termina: olhando para o presente e para o futuro. Este livro representa assim muito mais do que uma leitura retrospectiva, cabalmente fechada ou concluída da história da filosofia contemporânea; ele oferece um olhar prospectivo quanto ao que hoje se faz ao fazer filosofia. A desenvoltura intelectual de Sofia Miguens em tratar e transmitir a complexidade filosófica numa linguagem clara e simples torna este livro acessível quer a leitores já familiarizados com a história da filosofia, quer a leitores que procuram uma introdução séria e rigorosa à filosofia contemporânea. Leitores mais exigentes encontrarão em *Uma Leitura da Filosofia Con-*

³¹ *Ibid.*, 338.

³² *Ibid.*, 19.

temporânea. Figuras e Movimentos interpretações provocadoras, muitas delas talvez controversas, e sem dúvida carregadas da personalidade filosófica que Sofia Miguens tem vindo a demonstrar em muitos outros escritos e à qual os seus leitores mais fiéis estarão já certamente acostumados. Com esta obra, Sofia Miguens convida-nos à aventura de *repensar* a filosofia. Garantimos que nenhum leitor se sentirá decepcionado ao aceitar adentrar-se no desafio.